

RECORDAÇÕES DA MÍNHA FÉ



Mario de França Miranda



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Miranda, Mario de França
Recordações da minha fé / Mario de França Miranda. – São Paulo:
Paulinas, 2021.

216 p.

ISBN 978-65-5808-044-2

1. Fé (Cristianismo) 2. Teologia 3. Doutrina cristã I. Título II. Série
21-0033 CDD 234.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Fé cristã 234.2

Angélica Ilacqua – Bibliotecária – CRB-8/7057

1ª edição – 2021

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato*

João Décio Passos

Copidesque: *Ana Cecília Mari*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Equipe Paulinas*

Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*

Capa *Tiago Filu*

Projeto gráfico: *Ana Claudia Muta*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2021

A meus pais, Maria Lydia e Sidney,
testemunhas de vida para os demais.

SUMÁRIO

Prefácio	9
1. Crer em Deus	11
2. O Deus de Jesus Cristo	33
3. Em que consiste a salvação cristã?	55
4. Quem é Jesus Cristo?	79
5. A Igreja somos nós	101
6. Eucaristia, a ceia do Senhor	125
7. O cristianismo em transformação?	143
8. O ser cristão como processo	167
9. Como rezar?	183
10. Por que a opção pelos pobres?	199

PREFÁCIO

Depois de muitos anos dedicados ao estudo e ao ensino de teologia, veio-me a ideia de expressar de modo muito pessoal algumas verdades da fé cristã a partir de minhas leituras e de minhas experiências como cristão. E isso realizado de um modo espontâneo, a saber, o que me ocorria no momento de escrever, sem preocupação com uma sequência lógica, ou mesmo sistemática. Sendo assim, alguns temas do rico patrimônio cristão não serão mencionados explicitamente.

Trata-se de uma leitura pessoal, portanto limitada, da fé cristã, depois de muitos anos de convivência com a teologia, de luta diária para ser cristão, de experiências positivas ou não com a Igreja, de contato estimulante com autênticos cristãos, de preocupação crescente com o futuro do cristianismo, de intervenções imprevistas do Espírito Santo em minha vida, do conhecimento realista de minha fragilidade que me fez reconhecer um Deus misericordioso, cujo mistério infinito desacredita *a priori* qualquer tentativa de reduzi-lo a um conceito, mas que

é sem mais alcançado por quem ama realmente, como já afirmou o evangelista João (1Jo 4,7).

A liberdade pretendida com relação aos temas tratados aparece já na disposição das ideias no interior do texto. Pensamentos, afirmações, ênfases, críticas, anseios, são apresentados soltos, embora em conexão com o tema do capítulo. Eles procuram evitar a linguagem teológica mais acadêmica, embora nem sempre consigam. Também pedimos de antemão que o leitor nos perdoe as repetições que encontrar ao longo da leitura e que se devem à informalidade do próprio texto.

Que estas páginas, embora simples e imperfeitas, possam ajudar o leitor a compreender melhor a sua fé, a conhecer melhor a pessoa de Jesus Cristo, a captar melhor a ação do Espírito em sua vida, a invocar o Deus de amor infinito revelado por Jesus de Nazaré, e a estimar a comunidade eclesial de seguidores de Cristo da qual também faz parte. E, assim, viver sua fé não no temor e na angústia, mas na alegria e na paz. É bom ser cristão, caminhar pela aventura desta vida, não como cego, mas conhecendo seu sentido profundo, a saber, fazer o bem, levar vida aos demais, amar o semelhante, humanizar a sociedade, colaborar para o advento do Reino de Deus como verdadeiro discípulo de Cristo. Deste modo, o cristão estará construindo sua felicidade futura na vida eterna em Deus.

1. CRER EM DEUS

A fé não está circunscrita apenas ao âmbito da religião. Existe também o que poderíamos chamar de “fé antropológica”. E a razão é simples. Já que o ser humano não consegue ter um conhecimento *completo e exaustivo* de toda a realidade, para então saber como conduzir sua existência e alcançar sua realização pessoal, a felicidade enfim, deve ele inevitavelmente acolher e se apoiar no conhecimento e no testemunho de outros. Com outras palavras, deve acolher de terceiros (familiares, contexto sociocultural etc.) seus valores e seus objetivos de vida. Todo ser humano vive desta fé.



Nenhum ser humano consegue justificar apenas racionalmente suas convicções e suas opções de vida. Todos nós somos fortemente influenciados pelo patrimônio cultural de nossos antepassados. Nosso esforço por clarividência se situa sempre no interior desta linguagem que

constitui o nosso mundo. A *pretensão* dos iluministas dos séculos XIX e XX aparece-nos hoje como simplória e ingênua. Com pretensões de atingir a totalidade, eles não percebiam o limitado horizonte de compreensão de onde partiam e aonde chegavam. A história se encarregou de desmenti-los, ao apresentar sucessivamente novos cenários e novas problemáticas, reduzindo o alcance e o valor de suas conclusões.



Ter fé poderia significar à primeira vista uma desvantagem, uma condição inferior, uma saída oportuna diante dos problemas da vida, sobretudo das questões que a inteligência não consegue responder. Esta afirmação tanto desconhece não ser o homem apenas razão quanto o fato de que a fé goza de uma *luminosidade própria* que não pode ser reduzida a argumentos de cunho racional. Temos hoje uma consciência muito lúcida acerca dos limites do racionalismo, uma vez que todo exercício da razão se realiza sobre um solo histórico, sobre uma tradição linguística, sobre uma bagagem cultural que não podem ser racional e plenamente justificados. Este é o contexto no interior do qual a razão se exerce, o qual está em contínua evolução, como nos demonstra a história da humanidade.



Por outro lado, sabemos que o ser humano não chega ao conhecimento apenas pela razão, já que ele é dotado

de outras faculdades como a *afetividade* e a *liberdade*. Já foi afirmado que o coração tem razões que a própria razão desconhece, e a atual temática sobre a inteligência emocional confirma a importância da afetividade no próprio conhecer. Igualmente a liberdade que se compromete numa opção concreta, experimenta uma clarividência ausente, antes da mesma se exercer. Já dizia Santo Agostinho: se verdadeiramente quer conhecer alguém, ame-o. Temática importante que exige voltarmos a ela mais adiante.



A razão humana se encontra desafiada por uma realidade cuja existência não consegue justificar racionalmente. Toma então consciência da *contingência* desta realidade que aponta toda ela para o que a chamou à existência, embora fundamentalmente distinta do que a explica. Assim, o vocábulo “Deus”, tão empregado nas religiões, apenas diz que ele é aquele sem o qual nada existe. Ele está subjacente às causas naturais, aos eventos históricos, à hipótese evolucionista.



Embora inalcançável pela razão, ele recebeu *representações errôneas* como a do deísmo que o via como um Deus longínquo, prisioneiro nos limites da razão como elo supremo de uma cadeia de causas, ou simplesmente como ideal moral da humanidade, ou ainda como Deus tapa-buraco que emergia quando a ciência não chegava e

sumia onde ela penetrava. Até dos próprios cristãos surgiram imagens deformadas de Deus: controlador incansável, juiz severo, adversário de mudanças e só presente na desgraça e no sofrimento.



Também a tendência atual em considerar “racional” apenas o *conhecimento científico* dos fenômenos que passam pela prova da verificação empírica desautoriza todo um campo do saber não submetido a tais limites, mas que igualmente parte de princípios e obedece às regras de demonstração. Deste modo, as diversas racionalidades (físico-matemática, econômica, política, histórica, sociológica, psicológica, ambiental, cibernética), com objetos e métodos próprios, negam a qualquer outra modalidade a garantia de conhecimento real e objetivo. E, como sempre pensamos e conhecemos no interior de um “horizonte de compreensão” que determina nosso modo de olhar a realidade, esta perspectiva de leitura, hoje dominante, lança fora de seu campo visual o não verificável empiricamente, considerando-o inexistente ou sem interesse.



Entretanto, este posicionamento deixa *sem resposta* uma série de questões vitais para o ser humano como o problema do mal, do sofrimento, do sentido da vida, da morte inevitável, do anseio de imortalidade. Este

silêncio tenderá a ser preenchido por crenças irracionais de todo gênero ou por religiosidades fortemente emotivas, ou mesmo por um fundamentalismo que ofereça segurança e estabilidade numa época de transformações rápidas e sucessivas.



O discurso sobre Deus só pode começar quando perguntarmos pela *totalidade da realidade*: sua origem, seu sentido, sua finalidade. E aquele que é o responsável por toda a realidade não pode ser parte dela, mas deve necessariamente transcendê-la. Com outras palavras, Deus não pode ser “objeto” de nosso conhecimento, embora haja no ser humano uma abertura para este mistério, ainda que ambígua e imprecisa. Pois a noção de “infinito” acompanha sempre nossa atividade cognitiva e volitiva, pois, sem ela, seríamos incompreensíveis a nós mesmos, como observou Pascal. Queiramos ou não, somos seres voltados para o mistério da vida.



Esta constatação experimenta hoje uma maior *dificuldade* de aflorar à consciência de nossos contemporâneos, devido ao contexto sociocultural altamente secularizado, predominante na sociedade. Tudo é considerado no interior da ótica racional instrumental e produtiva que desconsidera âmbitos significativos da vida humana.

Importante é o que se revela eficiente e produz lucros, existe somente o que pode ser verificado e explicado pela lógica físico-matemática. O resto é sonho, mito, ilusão. Deste modo se nega qualquer realidade que transcenda o mundo sujeito aos nossos sentidos.



Uma cultura que rechaça uma *realidade transcendente*, um valor que supere pretensões imediatistas, uma referência última, acaba se perdendo no turbilhão de discursos e orientações das mais diversas, tornando-se refém do relativismo e do niilismo. Daí o domínio do consumismo, do hedonismo, do individualismo e do utilitarismo que caracterizam a atual sociedade ocidental. Emergem, então, a tolerância e a permissividade como valores modernos, mas, por outro lado, o vazio moral facilita a corrupção e a desigualdade social. Poderíamos acrescentar que a ausência de um sentido último para a vida pode explicar a fuga para as drogas, a busca por esoterismos e mesmo a elevada taxa de suicídios entre jovens de países mais desenvolvidos.



Outro fenômeno contemporâneo tem suas raízes neste quadro cultural. A sociedade, como nunca na história da humanidade, se apresenta enormemente complexa em toda a sua diversidade de especializações. Já que não

se consegue conhecê-la como se gostaria e se sentindo impotente diante dos inúmeros e distintos desafios, o ser humano acaba por assumir uma atitude de *indiferença* e se refugia em sua vida particular. No fundo é uma reação de defesa diante do desconhecido em cujo interior vivemos. Sem dúvida, este fato implica uma omissão social, mas é o que podemos constatar.



Esta atitude de indiferença pode ser encontrada também no âmbito da religião, embora proveniente de outras causas. Seja de uma representação errônea de Deus, seja da linguagem arcaica da Igreja de difícil compreensão para muitos, seja de uma pastoral moralista que não considera como deve os condicionamentos humanos, seja da generosa oferta de caminhos salvíficos oferecidos simultaneamente pelas várias religiões. Estas são algumas causas da apatia ou *indiferença religiosa* hoje presente no cotidiano, sobretudo da geração mais jovem.



O escondimento de Deus tanto oferece espaço para o ateísmo ou para o agnosticismo quanto caracteriza a fé como opção livre do ser humano. Pois a experiência fundamental da transcendência de Deus é uma *interpelação* indeterminada e sujeita a diversas interpretações. Tanto o que crê como o que não crê se encontram inevitavelmente

com o mistério da vida, do sentido último, do que denominamos Deus. A fé resulta de uma *opção da liberdade*, como igualmente o ateísmo que não consegue provar racionalmente a inexistência de Deus ou como o agnosticismo que não consegue refutar o teísmo ou o ateísmo.



O cristão é aquele que livremente responde à iniciativa salvífica de Deus. O acesso a Deus não é mediado pelo saber, mas pela fé que também goza de luminosidade própria, experimentada por aquele que crê. É uma opção que envolve *toda a pessoa*, pois parte do seu íntimo, do seu coração, como designa a Bíblia. Neste último as faculdades diversas ainda se encontram unidas, sendo que tanto a afetividade quanto a liberdade desempenham importante papel no conhecimento humano, como vimos anteriormente.



Enquanto opção livre, enquanto acolhimento do mistério, enquanto se deixar por ele determinar, enquanto não é apenas fruto da inteligência, a opção de fé é um ato de confiança, de entrega, de amor, que goza de uma *luminosidade própria* no interior da própria opção, que leva a razão a ultrapassar a si mesma, chegando, assim, o ser humano à sua realização última, que não está apenas no conhecimento, mas no *amor*. Não podemos ser reduzidos a uma máquina

voraz por novos conhecimentos, numa busca sempre insatisfeita e frustrante. Somos mais. Ter fé é não só reconhecer a impotência da razão humana para oferecer um sentido último para a existência, mas acolher este sentido *concedido* pelo próprio Deus, dissipando, assim, o angustioso silêncio diante da questão: por que existe o que existe?



A fé implica, portanto, deixar que Deus determine minha vida fornecendo-lhe sentido e verdade. Mais do que desvendar quem é Deus em si, revela-me o que ele é para mim, a saber, a razão última de minhas adesões e decisões. Consequentemente, ele é *real* para mim não enquanto falo sobre ele ou represento-o de qualquer modo que seja, mas enquanto me decido e me comprometo com ele. Crescer neste compromisso significa crescer na vivência da fé. Para nós, cristãos, este compromisso foi realizado perfeitamente, e assim revelado para nós, na pessoa e na vida de Jesus Cristo.



Aqueles que ousam dar este passo sentem-se confirmados por sua própria vida na escolha que fizeram, embora esta não os imunize de possíveis momentos de dúvida ou de tentações relativistas, pois a fé que só tem certezas não é mais fé. À medida que tais obstáculos são vencidos, a fé se robustece e se aprofunda na existência

peçoal do que crê, levando-o a uma *fé madura*, a saber, a uma vivência da fé que comprova ser o sentido da vida humana não se fechar em si mesma, mas sair de si e torná-la um dom para os outros. É a fé que liberta o ser humano da prisão de seu próprio ego, do confinamento em seu limitado saber, da presunção de ser o centro de tudo.



Este mistério em quem cremos é respeitado até quando a Bíblia nos fala da “revelação” de Deus, que não o desvenda, mas o confirma. Daí a sarça ardente (Ex 3,2), a coluna de nuvem (Ex 13,21), o trovão e o raio (Ex 19,9.16), a proibição de imagens (Ex 20,4) e do emprego do nome de Deus. As representações bíblicas de Deus demonstram uma pluralidade de características provindas de seu contexto histórico respectivo: míticas, sincretistas, proféticas, cananeias, sapienciais, utilizadas para configurar o Deus de Israel e distingui-lo dos demais. De fato, quando se fala de Deus, fala-se de quem é *Deus para nós*, do que experimentamos de sua ação salvífica, não de Deus em si.



Também em Jesus Cristo revelador do Pai (Jo 14,9), Deus não se submete à lógica humana (Mt 20,1-16), e se revela na fraqueza, no escândalo e na loucura da cruz somente aos que têm fé (1Cor 1,18-31). Portanto, também em Jesus Cristo permanece escondida a presença de Deus, que habita em luz inacessível (Rm 1,20; Cl 1,15)

e seus pensamentos são insondáveis (Rm 11,33). Portanto, para a Bíblia Deus é um *mistério inacessível* ao ser humano, é uma liberdade absolutamente soberana, que se revela como amor sem perder sua transcendência. Assim, a revelação é o desvelar-se do mistério de Deus como mistério. Quem crê não “sabe” mais sobre Deus, mas tem plena lucidez sobre o mistério de Deus e sobre a sua ignorância. Apenas experimenta a ação divina na história humana como amor e como mistério (1Jo 4,8-16).



Naturalmente nossa fé em Deus, enquanto cristã, tem seu fundamento em tudo aquilo que *Jesus Cristo* nos revelou de Deus, por suas palavras e por sua conduta. Invocava Deus como Pai (Lc 22,42) atestando ser Filho na obediência contínua e total à vontade de Deus, deixando-se dispor por ele e orientando para ele toda a sua existência. Jesus Cristo também viveu a fé em Deus, também experimentou tentações contra a mesma, mas foi fiel ao Pai até o fim de sua vida.



Examinando com mais cuidado esta fé de Jesus, constatamos que devidamente só a conhecemos quando consideramos sua missão de realizar e proclamar o que chamava de *Reino de Deus*. Pois sua fé em Deus, sua obediência ao Pai, era, portanto, levar adiante o projeto do Pai para toda a humanidade. Deste modo, a fé em Deus

numa perspectiva cristã nunca é só uma afirmação intelectual ou teórica, mas implica o envolvimento da liberdade, o compromisso de vida com o *projeto de Deus para a humanidade*. Para o cristianismo, ter fé em Deus é aderir pessoal e vitalmente ao projeto do Reino, à luta por uma sociedade mais justa, solidária, fraterna e consequentemente mais feliz. O cristão crê num Deus envolvido na história humana, num Deus cuja atuação se resume a fazer irromper e crescer o amor entre os seres humanos através da ação de seu Espírito Santo. O cristão é, assim, um colaborador de Deus na história, pelo simples fato de ser cristão, independentemente de qualquer mandato outorgado por alguma autoridade.



Ter fé significa, portanto, sintonizar com o agir de Deus. E, como em Deus não podemos separar seu agir de seu próprio ser, então podemos confessar com São João que, partindo da ação amorosa de Deus (1Jo 4,9), é possível concluir que “Deus é amor” (1Jo 4,16) e que ter fé ou participar de sua ação salvífica significa “conhecer” a Deus porque Deus é amor (1Jo 4,8), ou também “permanecer em Deus” (1Jo 4,12). Estas expressões indicam que a fé vivida proporciona uma *autêntica experiência salvífica* descrita no Novo Testamento com termos de cunho afetivo e sensível: provar, saborear, sentir a consolação, a alegria (1Pd 2,3; Hb 6,4s; 2Cor 1,5; Rm 15,13).



Consequentemente, transmitir a fé a outra geração não significa comunicar um pacote de doutrinas ou de normas morais, e sim transmitir o próprio Deus vivo se doando a nós, agindo em nós em vista do Reino, estimulando-nos a viver a caridade e a viver para o outro, numa palavra, transmitir a *experiência gratificante* que trouxe sentido a nossa vida e realização a nossa existência. Portanto, é uma “fé que atua pelo amor” (Gl 5,6), fé comprovada pelo testemunho de uma vida cristã autêntica e pela coerência de sua conduta com a verdade confessada.



Naturalmente, uma coisa é a vida de fé e outra são suas expressões e práticas. Pois, dependendo do contexto sociocultural e dos desafios que aí enfrenta, a vivência da fé pode apresentar expressões e práticas múltiplas e diversas. Este fato resulta do esforço da Igreja em se fazer entender e ser aceita em contextos que apresentam outras linguagens e diferentes costumes. Esta *diversidade* já pode ser encontrada no Novo Testamento e não nos deveria espantar. E, sem dúvida, algumas expressões arcaicas e práticas obsoletas podem dificultar enormemente a transmissão da fé, sendo, por conseguinte, sua renovação um contínuo imperativo lançado à Igreja.



Estas mudanças sempre presentes ao longo da história da Igreja não atingem propriamente o que caracterizamos até aqui como “fé”, enquanto esta consiste em determinar sua vida a partir de Deus, como nos mostra a vida de Jesus Cristo a ser assumida realmente por todo cristão. Aqui está o *núcleo* de nosso relacionamento com Deus. Entretanto, nossa fé em Deus deve ser expressa em doutrinas que a identificam e distinguem de outras expressões religiosas, em atos de culto que determinam como invocamos e reverenciamos a Deus, em normas éticas que definam o comportamento correspondente a esta fé por parte do cristão. Santo Tomás de Aquino afirmava que a *religião* não é a fé, mas é constituída pelos sinais da fé, imprescindíveis para uma fé que não fique restrita a um indivíduo, mas que seja partilhada por muitos outros, para uma fé que leva à formação de comunidades de fé, como se deu no início do cristianismo. A fé necessita destes sinais exteriores que a tornam mais consciente, mais forte e mais lúcida.



Grande *tentação* que assalta o cristão é dar maior importância às expressões “religiosas” e descurar sua vida de fé. Aceitamos as doutrinas, recebemos sacramentos, aprovamos as normas morais ou canônicas, mas tememos

nos confrontar diretamente com Deus numa oração mais pessoal. Ou evitamos levar realmente a sério as repetidas exortações de Jesus Cristo sobre o desapego dos bens ou do poder, sobre a devida solidariedade humana com relação ao nosso próximo em necessidade ou mesmo atingido pelo sofrimento. Esquecemos que espiritualidades, sacramentos, mandamentos, existem em função de uma fé não apenas professada, mas realmente vivida. É através destas mediações que o Espírito Santo atua em cada um de nós, desde que não fiquemos presos ao que nossos olhos veem, mas saibamos atingir o mistério salvífico ao qual elas nos remetem.



Ter fé no Deus de Jesus Cristo não diminui, mas potencializa o ser humano. Pois Jesus Cristo deslocou o *sagrado* da esfera religiosa para o setor das relações interpessoais na vida cotidiana. Demonstrou que o acesso a Deus passa necessariamente pela conduta de cada um com relação a seu semelhante (Mt 25,31-46), de tal modo que a fé vivida não aliena o ser humano para um mundo ideal, mas o impele a melhorar *este mundo concreto* e dilacerado que experimenta e a eliminar qualquer elemento desumanizante aí presente. Hoje é fundamental que o Evangelho seja proclamado em toda a sua verdade, beleza e força atrativa. Portanto, ter fé no Deus de Jesus Cristo implica termos sido criados já com uma vocação bem determinada, a saber, sermos como Jesus Cristo:

construtores do Reino de Deus ao proclamarmos e realizarmos os valores de uma nova sociedade na fidelidade à ação do Espírito Santo em nós.



Ter fé não desvaloriza ou diminui nossa pessoa como, por vezes, é apregoado. Pelo contrário, pois na pessoa de Jesus Cristo o que impressiona é sua capacidade de acolher a todos, de ajudar os mais fracos, de levar esperança aos desanimados, de estender a mão aos pecadores, de transmitir vida para todos. Sem dúvida, foi alguém profundamente humano que veio ao mundo para nos manifestar nossa *autêntica identidade* como seres humanos. Daí também João afirmar: “Esta era a luz verdadeira, que vindo ao mundo ilumina todo homem” (Jo 1,9). Igualmente o Concílio Vaticano II assevera que “Cristo manifesta o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação” (GS 22). Pois não só assumiu nossa natureza abstratamente falando, mas mostrou ao longo de seus dias o que significa ser realmente humano.



Daí a *inquiétude* própria do coração humano, que só em Deus encontra sua felicidade plena, daí a sede de Deus que brota de nosso interior, único capaz de apaziguar nossas dúvidas e agitações, de acolher nossas fraquezas e incoerências, de perdoá-las em sua infinita misericórdia. Naturalmente, a experiência desta sede já imperfeitamente

saciada nesta vida, por parte daquele que vive sua fé, alcançará sua plenitude na vida definitiva em Deus.



Ter fé em Deus significa igualmente estar ciente e acolher esse dinamismo místico, essa *nostalgia de Deus*, sem que possamos dissolver o mistério de Deus aprisionando-o em nossas representações e objetivando-o em nossos conceitos. Deus está presente sem ser visto, é encontrado quando ainda o buscamos em meio a nossas incertezas e inseguranças, pois, por ser transcendente, ele não pode ser objeto do conhecimento e da vontade humana, mas é uma realidade que desencadeia um dinamismo na inteligência e na liberdade para mais conhecê-lo e desejá-lo. A busca nunca se detém, pois a Deus se encontra buscando-o sempre.



Ter fé em Deus significa viver já neste mundo a salvação que Deus nos oferece em Jesus Cristo e que nos capacita a aceitar pela ação do Espírito Santo. Pois essa salvação já está sendo constituída ao longo de nossa história por meio de nossas opções de cada dia que, afinal, constroem nossa personalidade, definem o sentido último que damos à nossa vida e determinam nossa resposta ao apelo de Deus pressentido em nosso coração. A salvação eterna é assim construída nesta vida, pois colheremos na eternidade o que semearmos no tempo.



Ter fé em Deus significa também estar dotado de um *olhar específico* em face da realidade, pois a fé nos abre um novo horizonte de compreensão diante dos fatos da vida. É uma chave de leitura que recebemos de Deus na pessoa de Jesus Cristo e que qualifica nossos conhecimentos. Pois, queiramos ou não, todo conhecimento resulta de uma interpretação da realidade a partir do nosso horizonte de compreensão. Daí a diversidade de leituras da realidade que deu origem às várias ciências, daí a diversidade das culturas com suas práticas respectivas, daí a diversidade das tradições religiosas ao lidar com a questão humana primordial sobre o sentido último da vida e da realidade. Enquanto cristãos, interpretamos os acontecimentos a partir de *Jesus Cristo*, contemplamos a realidade com o seu olhar, iluminados pela luz de suas palavras e de suas ações, chegando, assim, a um conhecimento que só a fé pode nos proporcionar. Naturalmente este fato nos capacita a termos avaliações, juízos e práticas que nos distinguem dos demais que não partilham nossa fé. Queiramos ou não, somos diferentes.



Ter fé em Deus, aderir à pessoa de Jesus Cristo, sempre acontece no interior da Igreja, pois só a Igreja tem a plenitude da fé, sendo nossa fé uma participação

peçoal nessa fé comum da Igreja: é assumindo-a que o cristão pode afirmar com toda verdade: eu creio em Deus. Jesus Cristo não é apenas uma figura do passado, mas alguém que nos chega *vivo e atual*, transmitido pela fé e pelo testemunho da comunidade eclesial. Até os textos neotestamentários foram precedidos pela fé vivida da Igreja primitiva. Portanto, a compreensão correta dos mesmos não pode prescindir da fé da comunidade dos fiéis e ficar à mercê de interpretações individuais. A quantidade de disparates hoje emitidos sobre a pessoa de Jesus Cristo confirma o que afirmamos. Portanto, a fé é teológica em sua intencionalidade por se dirigir ao próprio Deus, mas em sua modalidade é eclesial, pois é a Igreja que garante a autenticidade de meu ato de fé.



A plenitude da fé presente na totalidade dos fiéis é garantida pelo Espírito Santo, responsável pelo *sentido da fé* (*sensus fidei*), que possibilita o consenso na fé de toda a Igreja e que a leva a crescer na compreensão da verdade revelada numa tendência contínua para sua plenitude. Portanto, esta fé é mais rica na vivência de fé da Igreja universal do que nas próprias expressões da teologia ou do magistério eclesiástico. Este sentido da fé é um conhecimento que decorre da sintonia de vida do cristão com a verdade revelada.



Note-se que esta experiência pessoal do cristão emerge de certo modo em sua consciência e irá se expressar sempre no interior de um contexto sociocultural com seus desafios e linguagens. Assim, uma insuficiente formação religiosa de muitos cristãos pode conviver com uma autêntica vida de fé, expressa de modos próprios, simples, ingênuos ou imperfeitos, mas que representa as mediações disponíveis para seu relacionamento com Deus. A simplicidade da expressão não nos deve iludir sobre a autenticidade da fé vivida pelos mais simples e conhecida como “religiosidade popular”. De fato, nela se percebe uma autêntica *intencionalidade* da fé para Deus que ultrapassa as expressões e práticas que criticamente consideramos simplórias e inexatas.



Pelo fato de vivermos numa sociedade pluralista na qual convivem mentalidades e etos dos mais diversos, na qual a proximidade das tradições religiosas e culturais não as fazem desaparecer, mas, pelo contrário, as reforçam, não mais dispõe a Igreja de uma linguagem universal para a proclamação da fé cristã. Problema muito sério, pois expressões ou práticas erradas podem obscurecer a própria verdade evangélica. O desafio da *inculturação da fé* constitui hoje uma tarefa primordial para o cristianismo. De fato, somente uma fé expressa no interior de